

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CRIANDO ELOS METODOLÓGICOS

PEDAGOGY OF ALTERNATION AS A METHODOLOGICAL POSSIBILITY IN THE UNIVERSITY EXTENSION

Brasil

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Luana Patrícia Costa Silva*
Danielle Marcos Santana**
Albertina Maria Ribeiro Brito de Araújo***
Alexandre Eduardo de Araújo****
Severino Bezerra da Silva*****

Resumo: A universidade, por meio de práticas extensionistas, aproxima ações acadêmicas à sociedade, atuando como importante mecanismo de aprendizagem. O papel do extensionista, que educa e aprende com os grupos aos quais destina suas ações, não é o de persuasão. O educar-se na prática libertadora ancora-se nas releituras realizadas em uma prática educativa de trocas e na dialogicidade, de saberes plurais e diversos. Desta forma, anseia-se consolidar ações pedagógicas que superem tais contradições e busquem esse diálogo. O objetivo é compreender como se reelabora o processo formativo por meio da Pedagogia da Alternância nas experiências de extensão universitária. A metodologia participante nesta pesquisa possibilitou compreender ações metodológicas traçadas pela Pedagogia da Alternância, enquanto concepção pedagógica de formação. Neste sentido, dialoga-se com indícios de três propostas metodológicas em alternância que aconteceram na UFPB - Campus III, são elas: Curso de Formação de Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável, Curso Residência Agrária Jovem e Projeto As Cores do Solo.

Palavras chave: Tempos formativos; Formação; Alternância.

Abstract: Extension practices developed by universities bring academic actions closer to the society, acting as an important learning mechanism. The role of the extensionists, who educate and learn with the groups to which they direct their actions is not that of persuasion. Educating oneself within the liberating practice is anchored in the re-readings carried out in an educational practice of exchanges and in dialogicity, of plural and diverse knowledge. In this way, there is an aspiration to consolidate pedagogical actions that overcome such contradictions and seek this dialogue. Our objective is to understand how the formative process is re-elaborated through the Pedagogy of Alternation in the experiences of university extension. The participant methodology in this research enabled the understanding of methodological actions guided by the Alternation Pedagogy as a pedagogical conception of formation. In this sense, there is a dialogue with indications of three alternating methodological proposals that took place at UFPB - Campus III, such as: Training Course for Sustainable Rural Development Agents; Youth Agrarian Residence Course; The Colors of Soil Project.

Keywords: Formative times; Formation; Alternation.

*Aluna de Doutorado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: luana_gca@hotmail.com

**Licenciatura em Ciências Agrárias. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: dani.msantana@hotmail.com

***Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: albertinari@hotmail.com

****Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: alexandreduardodearaujo@hotmail.com

*****Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: severinobsilva@uol.com.br

Introdução

Compreender como se apresenta a extensão universitária nos contextos institucionais é um desafio, principalmente quando se busca ressignificar práticas e ações verticalizadas no âmbito dos processos extensionistas. Para estabelecer diálogo e construir pontes com nossos objetivos, buscamos nos escritos de Freire subsídios quanto à constituição de processos de comunicação em detrimento da domesticação, ou seja, de um conhecimento dado, limitado, imposto, alienado, que impede a possibilidade à libertação. Assim, a proposta é a possibilidade de rompimento com essa lógica domesticadora, para a construção de uma educação como prática libertadora, que se apresenta nas trocas e diálogos de saberes, entre os sujeitos, experiências e territórios.

Desta forma, o trabalho é construído a partir da leitura de três espaços formativos de cursos de extensão, que têm, enquanto sujeitos, jovens camponeses. As propostas formativas vivenciadas aconteceram / acontecem em alternância, na Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Campus III. São elas: Curso de Formação de Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável (2008-2009); Curso Residência Agrária Jovem (2015-2017); e Projeto As Cores do Solo (2017-2018). A metodologia da Pedagogia da Alternância foi utilizada como suporte essencial nas ações e práticas desenvolvidas nesses cursos, e é a partir desse itinerário metodológico que iremos propor uma discussão neste artigo.

Os sujeitos desses processos foram docentes das áreas de Ciências Agrárias e Educação; mestrando(a)s e doutorando(a)s dos cursos de pós-graduação da UFPB, nas linhas de Agroecologia e Educação Popular; educando(a)s/formadore(a)s dos cursos de graduação de licenciatura em Ciências Agrárias e do Bacharelado em Agroecologia; e, ainda, os vários educando(a)s oriundo(a)s de comunidades camponesas, de distintas localidades da Paraíba. Neste sentido, a proposta deste ensaio parte da sistematização elaborada por coordenadores e comissões pedagógicas dos processos formativos aqui apresentados.

Compreendemos que cada espaço/realidade que se compromete com a construção de uma prática extensionista horizontalizada, a partir do diálogo de saberes, junto a uma metodologia que se constrói com os coletivos, respeitando suas singularidades, seus territórios, suas temporalidades e as cotidianidades dos participantes, deve, cada vez mais, ganhar espaços nos processos de extensão desenvolvidos pelas universidades. Ancorados nessa perspectiva, buscamos neste trabalho compreender como se reelabora e/ou ressignifica o processo formativo por meio da Pedagogia da Alternância nas experiências de extensão universitária, em diálogo com três experiências realizadas na Universidade Federal da Paraíba, Campus III, Bananeiras – PB.

Fundamentação teórica

A construção do termo extensão em sua essência é de doação, estender, levar. Quando pensamos a partir de uma concepção Freireana de prática educativa, esse conceito não dialoga com um “fazer educativo libertador”, e essa é uma prerrogativa engessada em muitos processos extensionistas, que, em muitos casos, torna-se uma ação assistencialista, e não de construção coletiva dialógica.

O papel do extensionista educador, que educa e aprende com os grupos e suas demandas, não reforça atitudes e ações de persuasão. Como bem coloca Freire, os sujeitos não são “papéis em brancos” ou “sacos vazios” vulneráveis e submissos aos conteúdos trazidos “pelo técnico” (FREIRE, 1983). Assim, a semântica que ora constrói o termo extensão também se estende à persuasão e retira nesse processo a essência do ato educativo, que, em si, não é de domesticação, mas de autonomia e libertação. Nesse contexto, como pontua Freire, recusando-se a domesticar os sujeitos (camponeses e outros grupos), sua tarefa corresponde a uma possibilidade de comunicar, de comunicação, e não de “extensão”. É o que se pode depreender do trecho a seguir:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta [...] Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 14-15).

O educar-se na prática da liberdade ancora-se nas releituras realizadas em uma prática educativa alicerçada em trocas, diálogos, na produção do conhecimento ancorado na dialogicidade, dos vários saberes, plurais e diversos. Esses processos superam a lógica de levar ou promover o acesso ao conhecimento “academicista” de forma verticalizada; propõe-se “um construir coletivo” por meio da horizontalidade, com práticas, ações e propostas que constroem “pontes” com os vários outros saberes, estes presentes nas pluralidades e cotidianidades das pessoas e grupos.

Frente a tais proposituras, anseia-se consolidar ações pedagógicas escolares e não escolares que superem tais contradições e busquem esse diálogo. Essas ações, em termos metodológicos, apresentam-se como um campo de possibilidades traçado a partir da Pedagogia da Alternância, enquanto concepção pedagógica e metodológica, para a formação de vários sujeitos, principalmente para jovens camponeses. Em termos históricos, Ribeiro (2010) apresenta algumas facetas de tal pedagogia:

Buscando as origens históricas da pedagogia da alternância, pode-se dizer que é alternativa metodológica de formação profissional agrícola de nível técnico, para jovens, inicialmente do sexo masculino, filhos de agricultores franceses. Eles haviam perdido o interesse pela escola porque o ensino que lhe era oferecido não estabelecia nenhuma forma de articulação com o modo de vida e de trabalho camponeses (RIBEIRO, 2010, p. 293).

Conforme Nosella (2012) apresenta, a Pedagogia da Alternância possui raízes na primeira Maison Familiale, a “Casa da Família Agrícola” francesa fundada pelo padre Granereau. O autor apresenta o seguinte esclarecimento:

A “pedagogia da alternância” se refere a uma forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem alternando dois espaços diferenciados: a propriedade familiar e a escola. Liga-se, pois, tanto pela sua origem como pelo seu desenvolvimento, à educação no meio rural. Seus princípios básicos podem ser assim enunciados:

1. Responsabilidade dos pais e da comunidade local pela educação de seus filhos;
2. Articulação entre os conhecimentos adquiridos por meio do trabalho na propriedade rural e aqueles adquiridos na escola;
3. Alternância das etapas de formação entre o espaço escolar definido pelas “Escolas Família Agrícola” e a vivência das relações sociais e de produção na comunidade rural (NOSELLA, 2012, p. 29-30).

Enquanto abordagem histórica relacionada à Pedagogia da Alternância e suas bases no Brasil, Ribeiro (2010) informa que esta remonta da década de 60, firmando-se neste país por meio do diálogo com um Programa de Alternância Italiano, sendo fundadas as primeiras Escolas Famílias Agrícolas (EFA) no Brasil e as Casas Familiares Rurais, que marcam o Movimento chamado Maisons Familiares Rurales no Brasil, cujo destaque para o ponto de partida em alternância foi a experiência das EFA, em 1969, no Estado do Espírito Santo, as quais passam a se articular em 2001, formando os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA).

Além dos CEFFA, os cursos em regime de alternância, em sua grande maioria, estão ligados aos movimentos sociais, a programas promovidos no âmbito do governo federal, como Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Projovem Campo – Saberes da Terra, nas Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo) etc. Também estão ligados a instâncias governamentais, nas proposições elaboradas junto ao Ministério da Educação (MEC) e à extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Neste sentido, vê-se a Pedagogia da Alternância como uma proposta pedagógica e metodológica consolidada, para se atender às especificidades e diversidades dos povos do campo.

Um marco no que concerne à Pedagogia da Alternância foi o Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação CEB/CNE N° 1/2006, de 2 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), que trata dos dias letivos para a aplicação da Pedagogia da Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Ancorado na tese de doutorado apresentada na Universidade de Brasília, em 2004, por João Batista Queiroz, o parecer estabelece e legitima o ensino por alternância enquanto alternativa metodológica central dos CEFFA à medida que apresenta algumas especificidades e estabelece alguns critérios para a

efetivação desta modalidade (BRASIL, 2012).

Ademais, os Centros Familiares de Formação por Alternância – Escolas Famílias Agrícolas (EFA), Casas Familiares Rurais (CFR) e Escolas Comunitárias Rurais (ECOR) – adotam variados instrumentos pedagógicos, aos quais acrescentamos as especificidades com base em nosso contexto formativo, quais sejam: Plano de formação; Plano de estudo; Socialização e organização dos conhecimentos da realidade do aluno e do seu meio, que servem de base para o aprofundamento articulado nas várias áreas do saber; Interdisciplinaridade; Caderno de síntese da realidade do aluno (VIDA); Fichas didáticas; Visitas de estudo, intercâmbios; Intervenções externas – palestras, seminários, debates; Experiências, Projeto profissional do aluno e/ou projetos de vida; Visitas à família do aluno e/ou tempo comunidade; Caderno de acompanhamento da alternância e avaliação contínua e permanente (BRASIL, 2012).

O Parecer CNE/CBE de 01/2006 dá abertura para atestar a prática de outros cursos que fazem uso de práticas metodológicas da Pedagogia da Alternância, como os vários cursos do PRONERA, que utilizam a metodologia como ponto de partida para inúmeras atividades desenvolvidas na formação de jovens camponeses.

Enquanto enfoque mais geral, tal método pedagógico consiste na articulação entre Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). Ribeiro (2012) apresenta brevemente como se configuram, na prática, esses Tempos Formativos:

No TE os educandos permanecem de duas semanas a dois meses, dependendo do curso, no espaço da escola, em regime de internato. NO TC, os educandos retornam às suas propriedades familiares, ou às comunidades, ou aos assentamentos, ou ainda aos acampamentos, para colarem em prática os conhecimentos que foram objeto de estudo no TE, a partir da problematização dos cultivos e do manejo da criação, feita no TC. (RIBEIRO, 2012, p. 292).

Cada espaço/realidade propõe a adequação dos métodos e procedimentos utilizados na Pedagogia da Alternância, e estes, por sua vez, são adequados a cada realidade, fazendo-se assim uma releitura constante frente a cada coletivo, espaço, dinâmica envolvida, dentre outros aspectos. Neste sentido, tratando da prática de extensão das universidades, enxergam-se possibilidades de diálogos pautados em construções do conhecimento em simbiose com esta metodologia, que, por sua vez, respeita territórios, temporalidades e cotidianos dos sujeitos participantes.

Metodologia

Em termos metodológicos, para a construção deste ensaio, apresentamos tais proposituras a partir dos diálogos presentes na Pesquisa Participante, enquanto prática metodológica essencial para a compreensão e interação dos processos sociais, políticos e culturais, em pesquisas de abordagem

qualitativa. Ancoramos nossos pressupostos a partir das proposições de Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Freire e, ainda, em diálogo com as concepções consolidadas nas discussões da Educação Popular.

Brandão (2006, p. 25) aponta que “a pesquisa participante não cria, mas responde a desafios encontrados no seio dos espaços populares”. O autor esclarece que, enquanto ação participante, apresenta-se em duas situações. A primeira diz respeito à participação efetiva dos sujeitos enquanto protagonistas na pesquisa, e não meros objetos, colocando a pesquisa participante enquanto instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada do conhecimento social e como um momento de ação social.

Brandão acrescenta que estamos em uma estrada de mão dupla: de um lado, a participação popular no processo de investigação; de outro, a participação da pesquisa no decorrer das ações populares (BRANDÃO, 2006). É neste sentido que não é possível compreender a pesquisa participante apenas como pesquisa em si, em seu caráter apenas científico, visto que ela se articula metodologicamente com a educação popular, configurando-se, também, como uma prática social.

É a partir das proposituras de Brandão e de outros autores que compreendemos que é próprio do ambiente da pesquisa participante a construção de sujeitos implicados nos processos de transformação, emancipação e participação efetiva dos sujeitos. Assim, a construção deste artigo parte da pesquisa-ação participante de educadores que se encontravam em constante diálogo desde a concepção, elaboração e efetivação das propostas de três cursos de extensão, já apresentados em nossas linhas introdutórias.

Neste sentido, junto a tais proposituras, buscamos na pesquisa, por meio da observação participante e da pesquisa-ação, elucidar aspectos que possibilitem a compreensão de práticas formativas, nas quais a Pedagogia da Alternância se apresente como possibilidade metodológica para os processos extensionistas realizados pelas universidades, principalmente quando estes se apresentarem para a formação de jovens camponeses.

Thiollent (1985) indica que, na Pesquisa-Ação participante, faz-se necessária uma horizontalidade entre os saberes. A esse respeito, o autor faz o seguinte apontamento:

De acordo com a postura tradicional, muitos pesquisadores consideram que, de um lado, os membros das classes populares não sabem nada, não têm cultura, não têm educação, não dominam raciocínios abstratos, só podem dar opiniões e, por outro lado, os especialistas sabem tudo e nunca erram. Este tipo de postura unilateral é incompatível com a orientação “alternativa” que se encontra na pesquisa-ação (e pesquisa participante). (THIOLLENT, 1985, p. 67).

Neste sentido, dialogaremos com indícios de três propostas metodológicas em alternância, após acompanharmos efetivamente o processo, que aconteceram/acontecem na Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Campus III. São elas: Curso de Formação de Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável (2008-

2009); Curso Residência Agrária Jovem (2015-2017); e Projeto As Cores do Solo (2017-2018). Ressaltamos que tais propostas nascem em diálogo permanente com movimentos e organizações sindicais presentes no Território da Borborema.

A experiência entre achados e diálogos

Para melhor compreensão desse processo, buscaremos elucidar alguns aspectos práticos do contexto formativo e explicitar como estes se ressignificam mediante ações horizontalizadas e uma proposta mais dialógica. Sistemáticamente, os sujeitos que fizeram parte de todos os processos são jovens camponeses.

Curso de Formação de Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável (2008-2009) e a Alternância

Iniciamos pelo Curso de Formação de Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável (CFADRS), que foi realizado com jovens agricultores que já participavam de ações extensionistas, educativas ou organizativas junto à sociedade civil organizada, movimentos sociais ou órgãos estatais. A formação, baseada na Pedagogia da Alternância, teve duração de 224 horas e ocorreu em dois módulos presenciais dentro das instalações do Campus III – Cidade de Bananeiras-PB, onde os participantes tiveram a oportunidade de conhecer melhor a Universidade, através da intervência.

No conjunto dessa formação, foram ministrados cursos com enfoque agroecológico para o desenvolvimento sustentável, mostrando-se alternativas de produção de alimentos de melhor qualidade biológica, livres de agrotóxicos, produzidos de forma ambientalmente correta, levando em consideração as experiências desses jovens dentro de suas comunidades, deixando explícito que os jovens estavam carregados de saberes oriundos de seus territórios e lugares.

A proposta teve duração de 24 meses, período em que foram capacitados 50 jovens. As capacitações foram divididas em dois momentos: um presencial e um na comunidade. O momento presencial dividiu-se em dois módulos, nos quais aconteceram aulas teóricas e práticas. Durante o curso, os estudantes iniciaram uma proposta de projeto agroecológico, que seria concluída e executada junto com suas respectivas comunidades, ou seja, o território comunitário ganhou espaço no contexto do saber acadêmico e vice-versa. Nessa etapa, foram envolvidas diferentes áreas do conhecimento e disciplinas, permitindo a transversalidade de temas, contextos e sujeitos.

No momento comunidade, foram fortalecidas as ações da proposta com visitas de acompanhamento, que auxiliaram os educandos e os membros de suas comunidades na condução e conclusão dos projetos elaborados. A construção do projeto foi realizada através de metodologias participativas, levando-se em consideração as necessidades e potencialidades de cada território/lugar.

Esse processo apresentou-se bastante produtivo, pois a utilização da metodologia da alternância possibilita a ampliação e a criação de novos espaços de formação de jovens camponeses, valorizando os diferentes saberes e proporcionando um intercâmbio de experiências, contribuindo para um olhar mais atento, sensível, curioso e crítico dos jovens, o que alargou seus conhecimentos científicos e saberes populares/locais.

Residência Agrária Jovem (2016-2017) e a Alternância

O Curso de Residência Agrária Jovem (PRONERA) aconteceu de 2015 a 2017, assistindo duas turmas, com a participação, em média, de 70 jovens, em ambos os casos, oriundos de assentamentos, acampamentos, comunidades tradicionais e/ou vinculados à associação e cooperativas. O processo firmou-se por uma forte articulação com os movimentos sociais do campo, o que possibilitou as mais variadas contribuições (teorias e práticas) nos processos teórico, metodológico e pedagógico da formação.

O processo de alternância foi estabelecido por meio de Tempos Escolas, que duravam, em média, 10 dias, e foram nesses momentos que sujeitos de distintos movimentos e territórios estabeleciam um convívio em regime de internato. Neste contexto, além de eles terem participado das aulas e intercâmbios, organizaram-se em Núcleos de Base (NB), promoveram noites culturais e se articularam em grupo de projetos. Uma ferramenta primordial nesse processo foram os cadernos ou diários de campo, que traziam sistematicamente as práticas dos jovens desenvolvidas no Tempo Comunidade (TC), que eram pedagogicamente socializados, no sentido de se fortalecerem experiências, aprendizados e identidades.

O TC acontecia em uma temporalidade e espaço de dois meses; este momento, por sua vez, apresentou-se como valioso, diverso e plural, agregou uma gama de “Projetos de vida”, que se articularam nas dimensões culturais, econômicas, produtivas e educacionais. É a partir dessas produções que encontramos no TC esse diálogo que estamos estabelecendo desde o início do ensaio, na descoberta e promoção de saberes, possibilidades de trocas, na capacidade prática de mobilizar outros jovens, possibilitando, por meio da práxis, ações de caráter emancipatório e humanizador, como foi identificado nesse processo. A esse respeito, Freire (1983 p. 16) situa-nos, apresentando as seguintes palavras:

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em aprendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-aprendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende (FREIRE, 1983, p. 16).

O processo educativo do Curso Residência Agrária Jovem foi marcado por acontecimentos e situações cunhados em relações e ações dialógicas, que

ocorriam durante os TE e os TC, reinvenções que revolucionaram o modelo oficial de educação e de escola do campo. Neste sentido, compreendemos esses Tempos e Espaços enquanto aspectos indissociáveis e promotores de produção do conhecimento e práticas essenciais para a formação extensionista, que têm implicações diretas no âmbito da institucionalidade (universidade) e experiência (comunidade).

As Figuras 1 e 2, a seguir, apresentam recortes de espaços e paisagens e jovens sujeitos dos processos formativos. Os espaços, neste caso a praça, fizeram parte de um processo desenvolvido por uma das equipes no decorrer dos chamados “Projetos de Vida”. Na Figura 2 é possível visualizar jovens do Quilombo Caiana dos Crioulos, que, após uma visita no tempo comunidade, apresentam os resultados de seus projetos.

Figura 1: Praça Ecológica construída no Assentamento Oziel Pereira pelos jovens do Curso de Residência Agrária Jovem, turma 2016



Fonte: Arquivos dos autores, 2016

Figura 2: Jovens do Projeto Saião, do Quilombo Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB



Fonte: Arquivos do Curso de Residência Agrária Jovem, 2016

Os jovens no Curso de Residência Agrária redescobrem a agricultura e o seu próprio território de identidade; eles passam, assim, a ressignificar a própria forma de lidar com seu espaço, que antes era compreendido apenas pelo imaginário do espaço dos adultos e da falta de oportunidades.

A primeira fotografia apresenta a construção de um espaço de lazer, localizado no Assentamento Oziel

Pereira, na Cidade de Remígio-PB. De início, o grupo de jovens teve dificuldades de integrar a comunidade na elaboração do Projeto, porém, hoje, o espaço é uma referência para a comunidade e a percepção dos moradores quanto às ações da juventude também se reelabora e ganha novos significados.

As meninas de Caiana dos Crioulos, comunidade quilombola localizada na cidade de Alagoa Grande-PB, ressignificaram sua identidade no projeto “saião”, com produção de mudas medicinais, fortalecendo o elo entre história e atividades tradicionais da comunidade, além do trabalho com dança e turismo, também impulsionado pelo grupo de jovens em formação no Residência.

Projeto as cores do solo (2017-2018) e a formação por alternância

O Projeto As Cores do Solo apresenta-se como um curso de formação também destinado a jovens agricultores, bem como estudantes de cursos técnicos voltados para a agricultura. O processo contempla cerca de 50 jovens, sendo metade oriundos de comunidades quilombolas, camponesas, de agricultores familiares e assentamentos rurais, e os outros, estudantes do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, localizado no Campus III, da UFPB.

Essa formação tem como base o fortalecimento da agroecologia nas comunidades camponesas a partir da atuação de jovens e mulheres nas dinâmicas produtivas familiares e espaços organizativos de suas comunidades.

Com o intuito de favorecer uma autoavaliação da realidade na qual esses sujeitos estão inseridos, o processo de formação também foi orientado com base na Pedagogia da Alternância, no diálogo de saberes entre o espaço escolar e a vivência dos jovens no âmbito familiar e comunitário.

Junto a esta perspectiva de compartilhamento de experiências, é possível que os jovens planejem ações de intervenção em suas comunidades, reconhecendo os limites e as potencialidades de sua região, baseados em experimentos realizados na universidade ou em outras localidades, visando à melhoria da qualidade de vida das pessoas em suas realidades e lugares. A utilização da metodologia da alternância favorece a interação entre os envolvidos, fazendo com que os estudantes observem, analisem e reflitam sobre a realidade na qual estão inseridos e se comportem como sujeitos situados em um determinado espaço, e que este, por sua vez, pode possibilitar melhores condições de vida para todos os envolvidos, considerando-se também o respeito pela sustentabilidade do próprio território e de seus lugares.

Considerações finais

A atividade extensionista tem a função de possibilitar a mediação e a parceria entre universidade e comunidade, reconhecendo e valorizando os sujeitos que dela participam. Nesse sentido, as universidades

assumem um importante papel, através da extensão, quando aproximam o ensino e as pesquisas desenvolvidas na academia à realidade vivenciada em diferentes espaços, atuando como facilitadoras e comunicadoras de trocas de saberes e de experiências para a construção de novos conhecimentos e concepções de práticas sociais.

Nesses momentos de formação, a alternância apresenta-se como ferramenta fundamental no processo ensino-aprendizagem, pois envolve novos métodos, além dos processos educativos formais, possibilitando o entendimento dos espaços de vivência dos envolvidos como importantes espaços de aprendizagem, que se complementam e alimentam (no sentido do novo) as dinâmicas e os conteúdos escolares.

Diante das experiências descritas, a metodologia da Pedagogia da Alternância é significativa nos processos de extensão universitária, com a criação de novos espaços de formação e novas parcerias e sujeitos, favorecendo um diálogo permanente e cooperativo entre o conhecimento científico e o saber popular. Esse intercâmbio de experiências amplia os conhecimentos e, a partir das ações educativas, é possível provocar o surgimento de alternativas direcionadas e comprometidas com a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem e dinamizam essas comunidades camponesas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: SECADI/MEC, 2012.

_____. Parecer CNE/CEB No. 1, de 10 de fevereiro de 2006. Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Processo No.: 23001.000187/2005-50. Relator: Murílio de Avellar Hingel. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 15 mar. 2003.

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: Um olhar entre tempos e espaços da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012. 288 p. (Educação do campo. Diálogos interculturais).

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: ensino médio e educação profissional**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília-UnB, Brasília, 2004.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento Camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 456p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.